

A ESTÉTICA DA VITÓRIA VISTA A PARTIR DA PERSPECTIVA DA PESSOA NO PENSAMENTO DE F. NIETZSCHE

por

LEOPOLDO JESUS FERNÁNDEZ GONZÁLEZ
Mestrado em Filosofia

Trabalho final apresentado ao
professor Doutor Alino Lorezón
do curso sobre “História da ética” - FIL-244

UGG. Faculdade de Filosofia outubro de 1990

Sumário

SÍNTESE

1. INTRODUÇÃO

2. A MORAL EMASCARADORA DO EU

3. A LOUCURA LIBERTADORA

3.1. O eterno retorno

3.2. O instinto libertador

3.3. O afrontamento

4. A ESTÉTICA DA VITÓRIA

5. CONCLUSÃO

6. BIBLIOGRAFIA

7. NOTAS

SINOPSE

A moral emascaradora do eu. A loucura libertadora: o eterno retorno; o instinto libertador; o afrontamento. A estética da vitória.

1. INTRODUÇÃO

Em finais do século XIX, Friedrich Nietzsche, publica o livro “Genealogia da moral”. Nesta obra considera **inquietante** a cultura européia por causa de sua suposta plenbeização. O pano sobre o qual tece sua desinibida e impiedosa crítica àquele modo de ser decadente, está o paradigma da **Grécia heróica** e da **Roma Clássica**. Considera a Revolução Francesa como a guilhotinadora da última nobreza européia, vítima dos **instintos populares do ressentimento**, possibilitando que se alastrasse por toda parte a fética **moral da compaixão**, portadora de um espírito empobrecido que **amansa e domestica** o homem. Nesta terra desgastada pelo **ressentimento** crescem plantas rastejantes e de baixa qualidade como o **não-egoísmo**, a compaixão e o sacrifício. Valores que Shopenhauer idealizou e divinizou e que Nietzsche quer submeter ao crivo da crítica, mais ainda em sua opinião - “O próprio valor desses valores deve ser colocado em questão” - 1. Uma das raízes **envenenadoras** do homem europeu, que o leva a desprezar o prazer vital e o triunfo, é o cristianismo. Há uma necessidade premente em romper as tábua da lei desta religião e enfrentar, com ousadia, a **transmutação de todos os valores**, a fim de que se manifeste em todo seu explendor a **vontade de poder** enquanto força primitiva, original e originante do devir e de todo valor. Este foi o conceito de moral acunhado por todas as raças nobres, cujos membros são considerados por Nietzsche como “**magníficos animais de presa [...] ávidos de espólios e vitórias**” - 2. Forças estas que não podem ficar reprimidas, mas como elementos reguladores da boa saúde, necessitam de desafogo. De quando em quando, o animal ‘**tem que voltar à selva**’ - 3. O instinto, visto como força reguladora e vitalizante, está na base do pensamento Nietzscheriano e sobre ele, e não no contrato, descansa o seu pensamento social,

[...] o mais antigo “Estado”, em consequência, apareceu como uma terrível tirania, uma maquinaria esmagadora e implacável, e assim prosseguiu seu trabalho, até que tal matéria-prima, humana e semi-animal ficou não só amassada e maleável, mas também dotada de uma forma. Utilizei a palavra “Estado”: está claro a que me refiro - algum bando de bestas louras, uma raça de conquistadores e senhores, que, organizada guerreiramente e com força para organizar, sem hesitação lança suas garras terríveis sobre uma população talvez imensamente superior em número, mas ainda informe e nômade. Deste modo começa a existir o “Estado” na terra: penso haver-se acabado aquele sentimentalismo que o fazia começar de um “contrato” - 4.

O **Estado** nascido da força e da capacidade organizativa das raças nobres marca a linha da nova moral que representa um “**triunfante Sim a sim mesmo**” - 5. Nesta perspectiva a guerra e o sofrimento são modos de a **vontade de poder** se manifestar. “**Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda**” - 6 -, pois sendo o homem o animal mais corajoso e inclusive o mais habituado ao sofrer, ele “**NÃO nega em si o sofrer, ele o DESEJA, ele o procura inclusiva, desde que lhe seja mostrado um SENTIDO, um PARA QUÉ**” - 7. A função do Estado é criar uma cultura que, com base nas virtudes nobres, possibilite o aparecimento do **Além-do-homem**, que assume o sentido da vida.

Com este raciocínio, Nietzsche introduziu seu **Cavalo de Tróia** dentro das muralhas da Metafísica, esvaziando-a de todo conteúdo como um lugar **além**. Essa ausência de lugar, implica, naturalmente, na negação de todo valor transcendente; o niilismo tem de ser assumido a fim de que nós possamos fazer cargo deste **aqui**. Decorrido pouco menos de meio século, na década de 30, derrubado o mito, criado pela burguesia, do progresso ilimitado, alguns pensadores tornam a questionar as bases de nossa civilização racionalista, individualista e materialista. Acreditam que a crise não é unicamente política econômica, seus tentáculos atingiram a própria filosofia, necroseando uma de suas partes, a metafísica.

Hoje, quando levantamos a vista e vemos Marx e Engels rondando a fila, em alguns aspectos, dos aposentados nos países do leste europeu, e Adam Smith e David Ricardo, no ocidente, com as enchedas nas mãos dispostos a aprofundar as tumbas da miséria, e ainda vemos, nas terras de Santa Cruz que temo-nos transformado em espectadores incondicionais dos economistas de situação, olheiros universais, que ao modo de uma poeira cósmica, estamos passivamente, à espreitada de alguma força que nos possa atrair para a formação de um mundo novo; à vista destes acontecimentos, nos perguntamos se todavia podemos ser agentes de nosso próprio destino, se ainda fica espaço para algum sentimento nobre, para utopia, ou se definitivamente estaremos submersos no torrente do fado, vítimas do destino cego, que, como a Édipo na procura pela verdade, nos direciona para a Coluna da morte, da massificação intranscendente, onde o mais transcendente é o **shop** de sexta-feira ou as compras de sábado, empurrando-nos assim, para o bosque dos Eumênidas, do economês e ali somos educados no egoísmo impessoal, na plebeização, na solapada **incuria sui** em favor dos mais fortes. O olho não é mais janela, sim jaula, não é mais comunicação e sim limite, não é mais abraço de amigo, e sim expião; ele transforma o existir em prateleira de vaidades. Nesta luta infernal pelo espaço, por ter mais, somos exauridos de nosso tempo de reflexão e de encontro com nós mesmos, “**Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos - e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?**” - 8.

A denúncia encoraja-nos a nos apetrechar para a corrida da auto-procura; não há dúvida que onde estejam as “**colméias do nosso conhecimento**” - 9, ali deverá estar também oculto o “**nossa tesouro**” - 10. Propomo-nos estar apostos na linha de partida da maratona do conhecimento, a fim de que “**as doze batidas do meio-dia**” - 11 não nos encontrem distantes de nós mesmos. Entendemos que, nesta primeira etapa da corrida, o preparado adequado, até mesmo como orientação geral, segundo o **trainer**, Nietzsche, é ter uma atitude positiva; **conhecer** significa “**dizer-sim à realidade**” - 12. Os **decadentes** cansados, desistem da carreira logo no início, procurando fôlego no balão de oxigênio dos ideais, que lhes escondem a verdadeira realidade. Sua falta de coragem os incapacita para “**entrar no rio do nosso ser**” - 13, onde o “**conhecimento de si se torna conhecimento de tudo**” - 14. Os fortes não apenas compreendem a palavra **dionisíaco**, “**mas se compreendem na palavra dionisíaco**” - 15.

O **conhecer** - e não temos a pretensão de definir - queremos entendê-lo - no pensamento de Nietzsche - como um mergulho no **dionisíaco**, no frenesi báquico, no torrente sem limites da vida, na sedução, onde a individualidade se dilui narcoticamente no todo, na festa imotivada, na alegria da dança. Os bons costumes, a medida, a norma, são a máscara da fraqueza. Os débeis, os alienados desta realidade, os treinados por Sócrates e Plantão, tornaram-se fracos ao envenenarem o ar separando o trágico do racional. Os fortes - ativos e bem sucedidos - marcham com passo triunfal para uma nova etapa. Eles não se enredaram na máxima **conhece-te a ti mesmo**, mas se fortaleceram como o mandamento “**Quer um si mesmo e te tornarás um si mesmo**” - 16. O querer abre as portas do conhecimento, transformando, desta maneira, a vontade em elemento central do pensamento de Nietzsche, porém revestida de um significado próprio que a distancia daquele papel que lhe fora designado pela filosofia moderna ao considerá-la uma faculdade do homem à qual se lhe atribui um caráter dominador; assim em Descartes a paixão pode ser dominada ou coibida pela vontade, sendo ambas - vontade e paixão - predicados do ser. Em Nietzsche a vontade é a própria essência do ser, com o qual se identifica conhecimento e vida, “**no conhecer sinto somente o prazer de gerar e de vir-a-ser de minha vontade**”; se há inocência em meu conhecimento, isso acontece porque há nele vontade de ge-

rar" - 17. O conhecimento nos desvenda a tragédia e horror da vida; mas no conhecer inocente está incoado inocentemente o desejo de viver, ocultando com sua força a própria tragédia da vida. Vida que dá pavor, porém quando não contaminada e sim assumida em sua ingenuidade ela se mostra alegre e triunfante; foi esse favor e o desejo de viver o que levou aos gregos a criarem aquele "artístico MUNDO INTERMEDIÁRIO dos Olímpicos" - 18, onde o terrível se oculta atrás do "impulso apolíneo à beleza" - 19, com o qual se transforma a arte no grande elixir da vida. "A arte é nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, o grande estimulante da vida" - 20.

Ao propormos uma reflexão sobre o tema "a estética da vitória a partir da perspectiva da pessoa", o fazemos preferentemente sobre a análise da obra "Genealogia da Moral", sem excluir outras referências que nos possam ajudar a compreender e não distorcer o pensamento do autor. Nossa preocupação centra-se em saber como é que fica o acontecer pessoal no pensamento de Nietzsche e particularmente nessa relação entre o apolíneo e o dionisíaco. O anunciado do tema aponta já para um final de pesquisa. O apolíneo esconde a tragédia de se saber que "há somente um mundo, e este é falso, cruel, contraditório, enganoso, sem sentido... Um tal mundo é o mundo verdadeiro" - 21. A mentira possibilita a vida; o caráter da existência deve ser ignorado, no momento em que o homem se enreda em seu próprio ardil e passa a acreditar na vida, "oh, como ela cresce nele! Que deleite! Que sentimento de potência! Quanto triunfo de artista no sentimento da potência!" - 22. E a arte é a redenção de quem sofre; é como uma espécie de "via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande delícia" - 23. Se entendermos moral como conjunto de normas e regras destinadas a regulamentar a conduta do homem em seu relacionamento social e não como vontade, então ela é incompatível com a vida e não há de ser tomada a sério. O homem livre não depende, para agir, de normas superiores; o centro de decisão da moralidade está no seu querer, ele "é não-ético, porque em tudo quer depender de si e não de uma tradição" - 24. O submetimento a códigos e costumes tornam o homem-fraco, doentio, culpado. O instinto, com tudo o que ele tem de previsível e imprevisível, de espontaneidade e de energia transforma-se no caminho natural para a manifestação da **vontade de potência** que em sua exteriorização plástica e inocente, concretizada na vitória, como o fugaz aparecimento do ser, produz o supremo êxtase da alegria "e sempre que o homem se alegra, ele é sempre o mesmo em sua alegria: alegra-se como artista, frui de si como potência, frui da mentira como sua potência" - 25. A Identidade do homem consiste na alegria, na vitoriosa manifestação da potência fugaz. A vitória é sempre necessária para ocultar a tragédia do **eterno retorno**. A copa deve ser sempre enchida uma vez a mais... estética da vitória, conhecimento de si mesmo, Gaia Ciência...! Fumaça no telhado... foi-se e não houve nada.

2. A MORAL EMASCARADORA DO EU

Reconhecemos em Nietzsche um esforço muito grande por recuperar alguns aspectos do pensamento mítico e pré-socrático. Nele encontra a força, a energia, a *virtù*, capazes de recuperarem uma cultura envelhecida, cheia de preconceitos e de mentira; restituindo ao homem a plena e alegre aceitação dos valores vitais. A bandeira da estimação da vida da terra, a única vida, é levantada com vigor por Nietzsche, frente ao pensamento clássico grego, ao racionalismo ocidental e a moral judaico-cristã, que, ao pensarem a nossa realidade a partir de uma ótica de transcendência, constroem uma visão de mundo dualista que tem como resultado a crença de que para viver a vida é necessário rejeitar a vida, deslocando o *em si* do homem para um *além* que termina escondendo o próprio homem. A inconformidade com esta visão de mundo como renúncia, nas próprias palavras de Nietzsche, nasce tão cedo nele que a considera o seu próprio *a priori*, ao tempo que reforça sua crença em uma **vontade fundamental**, uma espécie de torrente vital que desde as profundezas, eclode com força e generosidade, comandando o aparecimento de nossos pensamentos, “com a necessidade com que uma árvore tem seus frutos, nascem de nós nossos ideais, nossos valores, nossos sins e nãos e ses e quês” - 26.

A moral é uma das comportas capazes de obstruir a manifestação espontânea e até caudalosa dessa vontade que é dor e horror, finitude e infinitude, mas que em sua aceitação se encontra a suprema alegria. Este diagnóstico, feito quando todavia ele era muito jovem, referente aos males que afigem e tornam decadente a cultura européia, determinará, surpreendentemente, todo o seu trabalho posterior,

“Tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão de ONDE SE ORIGINAM verdadeiramente nosso bem e nosso mal. De fato, já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do mal: a ele dediquei, numa idade em que se tem “o coração dividido entre os brinquedos e Deus”, minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico - quanto à “solução” que encontrei então, bem, rendi homenagem a Deus, como é justo, fazendo-o PAI do mal” - 27.

Sendo - e este é o ponto de onde arranca o estudo sobre a Genealogia da Moral - como somos, estranhos a nós mesmos, seres que não nos compreendemos, **homens do desconhecimento**. Coloca-se a pessoa sob o signo da suspeita. Desconfia que um outro mundo foi inventado para ocultar a fraqueza. A vingança impossível projeta através do ressentimento uma vingança eterna. Esta perspectiva afasta-o metodologicamente, de maneira radical, da atitude dos **psicólogos ingleses**, empenhados em colocar em evidência “o lado vergonhoso de nosso mundo interior” - 28. O caminho descoberto e proposto por Nietzsche, desliza pelo estudo etimológico das palavras e tem como pretensão pegar a “direção da efetiva história da moral” - 29. Na procura do “efetivamente constatável” 30, faz-nos retroceder, na história, de modo seguro, a mais antiga e “quase indecifrável escrita hieróglifica no pensamento moral humano!” - 31. Para o êxito da viagem - previne-nos - devemos estar equipados com alguma “educação histórica e filiológica juntamente com um inato espírito seletivo” - 32. Assim preparados estaremos em condições de dar um novo encaminhamento a uma questão antiga: não mais iremos procurar a origem da moral nas costas do mundo, no que está detrás, pelo contrário, estaremos em condições de questionar-nos “sob que condições o homem inventou para si os juízes de valor ‘bem’ e ‘mau’” - 33. Tornar-se-á necessário examinar sob que circunstâncias nasceram, se desenvolveram e modificaram esses juízos. Talvez um dia - no seu parecer - libertos, possamos tomar a **velha moral** entendida como “sintoma, máscara, tartuferia, doença, mal-entendido (...) inibição, veneno” - 35 como coisa de comédia. O que se pretende é levantar o telão dos **ideais** que servi-

ram de base à civilização ocidental; máscaras através das quais a pessoa - **per-sonare** - se comunica com o mundo. Nossa intuição - e todavia é um sentimento muito indefinido - é que ao desrolhar essa garrafa de essências o eu se volatize terminando por esvaziarse de sua própria **eudosidade** e seja arrastado pela correnteza do **eterno retorno**. Na segunda parte de "Assim falou Zarathustra" ouve-se o clamor de que o "homem seja redimido da vingança" - 36. Nela - na vingança adiada - vemos a dobradiça sobre a qual giram todas as portas veladoras do eu; é nesta direção que apontam as setas ao conceituar a vingança como "a má vontade da vontade contra o **TEMPO** e o seu **FOI**" - 37. A vida ressentida quer vingar o seu **foi**, sendo isto impossível, pela irretroatividade do tempo, aparece, então na janela o canto do cisne sob o nome de moral, para remir e justificar este espírito doentio e oferecendo ao eu um ninho acolhedor, feito de crenças e valores rígidos. O esconderijo é a armadilha que transforma as convicções em prisões, levando, no redemoinho, o eu a negar seus impulsos mais nobres e sagrados. Para derrubar esses terreiros de cujos altares se elevam com as voluptas de incenso, em meio ao cheiro dos sacrifícios da carne, vozes alienantes impedindo ao homem se arejar com a manifestação do amor ao triunfo e ao prazer vital, as noções de **bom** e **mau**, precisam ser analisadas a partir de um estudo etimológico e histórico para poder perceber as transformações que elas sofreram no decorrer do tempo. Sobre estas pegadas, Nietzsche descobre que em diversas línguas

"nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu "bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo", transmutar-se finalmente em "ruim" - 38.

Tomando como espelho a língua latina percebe-se que **bom** é identificado com guerreiro, "acredito poder interpretar o latim **BONUS** com 'o guerreiro', desde que esteja certo ao derivar **BONUS** de um mais antigo **DUONUS**" - 39. Este guerreiro "ávido de espólios e vitórias" - 40 difficilmente deixaria de criar uma imagem de 'bárbaro' e 'inimigo mau' - 41 naqueles que sofriam com isso. Desta dupla posição surgem duas perspectivas éticas diferentes e complementares: uma a da **moral nobre** que representa um triunfante **sim a si mesmo** e a de uma **moral escrava** cujo ato criador é um não e esta vida; esta moral necessita de outro mundo em relação ao qual estabelece os valores, provocando no homem um comportamento reativo, em que sua incapacidade de ação transforma o ressentimento em uma **vingança imaginária**; inversamente o nobre "age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão" - 42. Esta distinção entre homens plenos, repletos de força e portanto necessariamente ativos" - 43 e "impotentes, opressos, achacados por sentimentos hostis e venenosos" - 44 é considerada por Ortega y Gasset como "una forma antipática, estrecha y, a la postre falsa de algo que es una realidad innegable" - 45. A realidade de que Ortega fala não é uma distinção ontológica, e sim apenas a constatação da existência de diferentes óticas, a do **magnánimo** e do **pusilánime**. O fato de que existam "almas grandes y almas chicas, donde grande e chico no significa nuestra valaración de esas almas, sinó la diferencia real de dos estruturas psicológicas distintas, de dos modos antagónicos de funcionar la psique" - 46. A distinção em Nietzsche é mais radical, como o deixa transparecer ao falar do homem do ressentimento,

Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de levarem as ovelhinhas. E se as ovelhas dizem entre si: "essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha - es-

te não deveria ser bom?", não há o que objetar a esse modo de erigir um ideal, exceto talvez que as aves de rapina assistirão a isso com ar zombeteiro, e dirão para si: "nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha" - 47.

A distinção é ratificada e aprofundada a seguir de modo substantivo.

Exigir da força que NÃO se expresse como força, que NÃO seja que querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força - 48.

Entendemos não se tratar de modos diferentes de valoração, mas de modos de ser diferentes, de naturezas diferentes. Curiosamente, desde um ponto de vista histórico, os vencedores foram os fracos, os escravos, os homens do rebanho, impondo seus critérios e ideais aos nobres e fortes, "os senhores foram abolidos; a moral do homem comum venceu. Ao mesmo tempo, essa vitória pode ser tomada como um envenenamento do sangue (ela misturou entre si as raças)" - 49.

A transmutação dos valores teve início com as aristocracias sacerdotais "de hábitos hostis à ação, em parte meditabundos, em parte explosivos sentimentalmente" - 50. A consumação da intoxicação é levada a bom termo pelos judeus; com eles "a 'redenção' do gênero humano (do jugo dos 'senhores') está bem encaminhada; tudo se judaíza, cristianiza, plebeíza visivelmente" - 51.

Na valoração nobre, o inimigo era alvo de reverência o que de fato já era "uma ponte para o amor" - 52 e mesmo quando nele aparecia o ressentimento este se "consuma e se exaure numa reação imediata, por isso não ENVENENA" 53. Nas naturezas fortes e plenas "há um excesso de força plástica [...] propiciadora do esquecimento" - 54 o que lhes permite permanecer psicologicamente saudáveis. Contrariamente o homem fraco, o homem do ressentimento sendo incapaz de esquecer fica envenenado pela inveja e pela incapacidade de vingança; assim sendo, passa a tomar o inimigo com o mau. A partir deste conceito básico inicia a elaborar um outro equivalente, o de bom, que é "ele mesmo" - 55. Nesta lógica o ódio transforma-se em "criador de ideais e recriador de valores" - 56. Para Nietzsche os timoneiros desta transmutação de valores foram os judeus - povo de sacerdotes-; foram eles que,

com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom=nobre=ponderoso=belo=feliz=caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons (...) os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança.

Esta bem-aventurança não encontra sua realização no presente: ele é promessa. Os sentimentos de realização da potência e da felicidade como expressão espontânea das forças vitais no aqui e agora, são emascaradas e reprimidas pela moral e projetadas para o além em forma de uma vingança eterna "Beati in regno coelesti", "videbunt poenas damnatorum, ut beatitudo illis magis complaceat" - 58. O ideal defensor deste mundo invisível tem como tarefa ocultar a força do sentimento e do instinto de liberdade, que reprimida e recuada para dentro de si faz com que a "alma animal se volte contra si mesma" - 59, o que possibilita o aparecimento da má-consciência como sendo o sentimento do homem voltado contra si mesmo. Segundo Nietzsche este espetáculo é tão draconiano que para contemplá-lo "necessitava-se de espectadores divinos" - 60. A vontade de superar esta inclinação perversa, faz com que se desenhe, no horizonte, como intuição libertadora, o ateísmo. Ele é "uma espécie de segunda inocência" - 61. Não havendo mais um deus credor apaga-se o conceito de dívida, portanto também o de culpa. Continuar a considerar o mundo dividido em dois é uma tolice:

'o verdadeiro' mundo - uma Idéia que não é útil para mais nada, que não é mais nem sequer obrigatória uma Idéia que se tornou inútil, supérflua, consequentemente uma Idéia refutada: expulsemos-la! 62

Abandonado o caminho da metafísica e de Deus, Nietzsche esforça-se por explicar o aparecimento do fenômeno religioso. Remonta-se, neste seu intuito, ao sentimento de dívida em relação com os antepassados, de onde surge a idéia de que o único modo de pagar é através dos sacrifícios.

O poder do ancestral cresce na medida que a estirpe se torna mais vitoriosa até o ponto e transformá-lo em **deus**, concomitantemente,

o processo em direção a impérios universais é também o progresso em direção a divindades universais; o despotismo, com seu triunfo sobre a nobreza independente, sempre abre caminho para algum monoteísmo. O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançando, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa - 63.

Empurrado pela **má-consciência** o homem se interioriza e não podendo suprimir, apenas reprimir seus instintos, passa, então a reinterpretá-los como “culpa em relação a Deus” - 64. O altar da purificação é o ascetismo que, apesar de ser “uma auto-contradição” - 65, pois pretende afirmar a vida negando-a, sem embargo, ele torna-se atraente por oferecer um sentido ao sacrifício, e a vontade prefere “querer o nada ao nada querer” - 66. O ascetismo é visto como uma vingança perante a incapacidade de se viver plenamente a vida. O resíduo dessa incapacidade transforma-se em ódio. O ressentimento, assim empacotado, é remetido para a eternidade onde se tirará satisfação desta vida. Sobre as asas da espiritualidade, a realidade temporal reduziu-se quase que a uma ilusão. A proposta de Nietzsche está colocada no sentido de que “o homem seja remido da vingança” - 67. Na limpeza da casa, a máscara da moral deverá ocupar o lugar das coisas destinadas à fogueira. A nova perspectiva para além da moral - deverá liberar os instintos para que a vontade do poder possa manifestar-se em toda a sua jubilosa grandeza. O homem autônomo, liberto da imoralidade da moral, será o senhor de si e do destino, será o além do homem, o homem confiável, capaz de manter de pé suas promessas,

o orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da RESPONSABILIDADE, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundez e tornou-se instinto, instinto dominante - como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua CONSCIÊNCIA... - 68.

Este homem sem máscaras, seguro de si, a quem é permitido prometer, é mais do que um homem, é o super-homem, o novo “sentido da terra” - 69.

2. A LOUCURA LIBERTADORA

Tomamos a loucura como categoria interpretativa que nos pode abrir alguma canela para entender melhor aspectos particulares do pensamento de Nietzsche. Deixar-nos-emos guiar pelo dicionário Aurélio, como se fosse a mão de um velho amigo, sem aceitar dormir em qualquer pousada ou sentido determinado, pois o nosso propósito é farejar a alcova da **realidade** pessoal, quando arrancar de nossa cultura o leito da metafísica e do cristianismo ficando apenas acesa a vela fúnebre desta vida, testemunha solitária da “morte de Deus”. Em um primeiro momento o “Aurélio” mostra-nos a lou-

cura como “insensatez”, aquele desvario que popularmente é conceituado como pretender tapar o sol com a peneira, esconder a cabeça debaixo do travesseiro para não enxergar aquilo que intuitivamente já sabe: a dimensão trágica da vida; mas loucura é também “paixão intensa” desejo impetuoso que se situa para além ou contra a razão e que costuma se expressar no aforismo de que “o coração tem razões que a razão não entende”; aqui a compreendemos como o instinto forte que para além dos esquemas construídos para justificar a vida, ele a manifesta de maneira triunfante; todavia, andando pelo jardim desta flor agreste, podemos descobrir nela uma nova dimensão, a de loucura como “ousadia”, como a coragem de afrontar um mundo decadente e assumir - para lhe dar um rumo - o timão da nave da vida, apto para navegar pelas águas rasas da imanência. É a ousadia de subverter todos os valores existentes até agora.

2.1. O eterno retorno

A doutrina do eterno retorno não dirige seus olhos para a contemplação passiva, pelo contrário, ela afina seus joelhos no movimento dinâmico da práxis. No cristianismo, em algumas épocas, a meditação sobre o inferno constitui-se num elemento freático e modelador da ação do crente; do mesmo domo, Nietzsche pretende que a idéia do eterno retorno assuma um caráter ético, em que superada a alienação do além e a escisão do homem em corpo e alma aceitemos plenamente este mundo capacitando-nos para sermos-nós-mesmos através da substituição do temor religioso e o “eu devo” racional pela máxima “assim eu o quero”, abrindo, deste modo, no meio do destino, um caminho para a escolha. A consciência de saber que este meu ato poderá ser repetido milhões de vezes e mesmo assim ‘eu o quero’, significa a aceitação jubilosa do banquete em que a copa da vida, como se diz em **Zaratustra**, seja enchida sempre uma vez a mais. E mais uma vez estamos sobre a correnteza do devir. O ponto de partida da filosofia de Nietzsche, segundo Marzoa, tem início na afirmação de Hegel de que toda presença é fruto do devir dialético, como sendo um momento desse chegar-a-ser. O supra-sensível, enquanto realidade fundamentadora, é dispensável desde o instante em que o eterno retorno confere à vida um caráter de eternidade. O homem liberto do submetimento a uma instância superior, não mais precisa negar a vida para afirmá-la. O sentido das coisas, nesta realidade apenas sensível, é dado pelo homem enquanto capaz de agir conscientemente,

Na livre vontade está para o indivíduo o princípio da singularização, da separação do todo, da absoluta irrestricção; mas fado torna a colocar o homem em ligação orgânica com a evolução geral, e a obriga, na medida em que busca dominá-lo, ao livre desenvolvimento de forças contrárias; a livre vontade absoluta, sem fado, transformaria o homem em Deus, o princípio fatalista em um autômato - 70.

O reconhecimento da livre vontade como princípio individualizador e a ligação orgânica com a evolução geral, situa-nos perante uma questão básica: onde é que fica a identidade pessoal? De um lado, observamos que a consciência quando não está orientada por princípios dificilmente guardará uma linha de comportamento que a possa tornar diferente das outras e idêntica a si mesma, de outro lado, continuando na nossa perseguição ao ser, percebemos que “o agente é uma ficção acrescentada à ação - ação é tudo”⁷¹. Platão tinha procurado o imutável, aquilo que é por si, no mundo da metafísica; este **aqui** seria projeção; sombra, aparência variante e temporal; para Nietzsche, mais próximo de Heráclito, o **agora**, para que seja, não apenas deve existir, mas é necessário que retorne sempre, “esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de viver-la uma vez e ainda inúmeras vezes; (...) a eterna ampulheta da existência será sempre virada cutra vez - e tu

ela, poeirinha da poeita" - 72. A presença deste pensamento ou fará ranger os dentes ou nos ajudará a ficar de bem com a vida e com nós mesmos.

Não existindo "ser" por detrás do fazer, a ação é a própria essência daquilo que é, porém a existência - a vida ou vontade de potência - não pode ser infinita, pois significaria a negação de todo movimento, mas se "a ação é tudo", isto significa que a eternidade está no tempo, com o qual se exige que tudo sempre retorne. A fé em um ser superior que leva a reinterpretar os instintos como "culpa em relação a deus" - 73, é uma espécie de "loucura da vontade" pela qual o homem sente-se perante si mesmo como um ser desprezível. Este é o desvario a que o homem chega quando alienado na metafísica passa a negar seus próprios impulsos, impedindo-se a si mesmo de ser um pouco "**besta na ação**" - 74. Isto é doença. Na aceitação do instinto, esta **insana e triste besta**" - 75 se reencontra como um ser pleno de vida:

Já por tempo demais o homem considerou suas propensões naturais com "olhar ruim", de tal modo que elas nele se irmanaram com a má-consciência". Uma tentativa inversa é em si possível - mas quem é forte o bastante para isso? - ou seja, as propensões in naturais, todas essas aspirações ao Além, ao que é contrário aos sentidos, aos instintos, a natureza, ao animal, em suma, os ideais até agora vigentes, todos ideais hostis à vida, disfamadores do mundo, devem ser irmanados à má-consciência. - 76 .

O homem, bastante forte para assumir suas propensões naturais é aquele que livre do ressentimento e da vingança está, pela aceitação da morte de deus, em condições de assumir esta vida, permitindo que a vontade de poder se manifeste nele em toda a sua plenitude. O eterno retorno é o destino do mundo. O super-homem é o sentido do destino, podendo manter sua palavra mesmo contra o próprio "destino".

3.2 O Instinto libertador

Kant, ao distinguir o fenômeno do noumeno, e afirmar que este é inconhecível, transforma o mundo em um espetáculo: o que aparece no palco é apenas o rapsodo do invisível. O noumeno permanece escondido atrás do telão; porém aquilo que nos é negado da "Crítica da razão pura", se abre uma fresta de acesso a ele, através da moralidade, na "Crítica da razão prática", o que na verdade representa uma intervenção da censura na representação, limitando a liberdade ao cumprimento do dever, isto é, transforma a vontade em serva da moralidade. O olfato intuitivo de Nietzsche detectou este submetimento da vida à norma racional, o que o levou a afirmar que "**o imperativo categórico cheira à crueldade**" - 77; é a mesma intuição que induziu a Schopenhauer a discordar de Kant; para ele a realidade do mundo é a vontade, nós somos escravos do querer viver, que ao final termina nos fechando no sofrimento ou no tédio. A janela é o lugar romântico desde o qual se pode contemplar a perversidade do egoísmo, ajudando-nos a nos desprender deste desejo impuro. Carlos Drummond de Andrade, em sua poesia "A suposta existência", pergunta-se "como é o lugar/quando ninguém passa por ele? Certamente Schopenhauer iria responder, sofrimento e tédio; para Nietzsche, menos pessimista e bastante mais Viking, não vê lugar pelo qual ninguém passe, ele transforma o querer viver em "vontade de poder", na própria vida, e não poupa uma crítica irônica a seu antigo amigo,

Sobre poucas coisas Schopenhauer fala de modo tão seguro sobre o efeito da contemplação estética: para ele, ela age precisamente contra o interesse SEXUAL, assim com lupulina e cânfora; ele nunca se cansou de exaltar ESTA libertação da "vontade" como a grande vantagem e utilidade do estado estético. Seríamos mesmo tentados a perguntar se a sua concepção básica de "vontade e representação", o pensamento de que uma salvação da "vontade", é possível somente através da

“representação”, não teve origem numa generalização dessa experiência sexual - 78.

Schopenhauer transforma o desejo em espetáculo. A desconfiança da vida, o pessimismo é escondido pela compaixão que se transforma em princípio salvador. Para Nietzsche, a redenção não chega pela reflexão e sim pelo fortalecimento do desejo,

Uma raça de tais homens do ressentimento resultará necessariamente mais inteligente que qualquer raça nobre, e venerará a inteligência numa medida muito maior: a saber, como uma condição da existência de primeira ordem, enquanto para os homens nobres ela facilmente adquire um gosto sutil de luxo e refinamento - pois neles ela está longe de ser tão essencial quanto a completa certeza do funcionamento dos instintos reguladores INCONSCIENTES, ou mesmo uma certa imprudência, como a valente precipitação, seja ao perigo, seja ao inimigo, ou a aquela exultada impulsividade na cólera, no amor, na veneração, gratidão, vingança, no qual se têm, reconhecido os homens nobres de todos os tempos - 79.

Ao promover a exaltação do instinto, está se propondo uma transmutação dos valores, em que a condenação das propensões naturais é identificada com a má-consciência, e as aspirações ao além como algo contrário à vida e afirmada a força imanente desta enquanto vontade de poder. Mas, tornando a levantar uma questão já planteada, voltamos a nos perguntar, quando e quem será o bastante forte para levar avante essa transmutação dos valores? Nietzsche responde com uma profissão de fé:

Algum dia, porém, num tempo mais forte do que esse presente murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora afastará sempre de toda transcendência e toda insignificância, cuja solidão será mal compreendida pelo povo, como se fosse fuga DA realidade - quando será apenas a sua imersão, absorção, penetração NA realidade, para que, o retornar à luz do dia, ele possa trazer a redenção dessa realidade: sua redenção da maldição que o ideal existente, sobre ela lançou. Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que dele FORÇOSAMENTE NASCERIA, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristo e anti-niilista, esse vencedor de Deus e do nada - ele tem de vir um dia... - 80.

3.3 O Afrontamento

Seguindo o rastro do pensamento de Nietzsche - mas tendo como referência o olhar - nas primeiras páginas da sua obra “Genealogia da Moral”, podemos construir uma dupla tipologia humana: a do homem que “olha de através” - 81, próprio de quem é covarde, mentiroso, plebeu, e a do homem que “olha de frente”. Ele vive com “confiança e franqueza frente a si mesmo” - 82, são os “bem nascidos”; ele é tem realidade” - 83. O olhar nos olhos, encarar, afrontar, é o ato que torna o homem senhor, e o senhor não precisa de máscaras, nem de ideais - ele tem o poder - que o levem a negar esta vida, exaltando a fraqueza, a humildade, submissão, que o ideal, misteriosamente transforma em mérito, bondade e obediência. Este tipo de moral escinde o homem e o transforma em um culpado, cujo interior é bem retratado por São Paulo quando diz, “faço o mal que não quero e quero o bem que não faço”. Esta moral que acusa deverá ser substituída, segundo Nietzsche, pela sabedoria que abençoa. Uma sabedoria que ao negar o lugar fabricador de ideais, profetiza, na palavra do louco o advento de novos tempos.

Em plena manhã (o louco) acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “procuro deus! procuro Deus! (...) Deus está morto! (...) E nós o matamos! (...) A grandeza desse ato não é demaisado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao

A morte de Deus deixa nas mãos do homem a responsabilidade por esta vida. Ele tem de olhá-la, afrontá-la, assumil-a, imprimindo-lhe um sentido, mas também devolve à terra a sua inocência ao destruir a trastenda; o que existe é o que está aí, à vista, na tenda, na frente do olhar, mostrando-se em toda a sua crueldade de eterno retorno. No perene chegar-a-ser, a sabedoria do além-homem, é consciente de que a “**dor é também prazer, a maldição, é também bênção, a noite é também sol**” - 85. À luz desse novo sol, o super-homem sente-se forte bastante para responder ao desafio e manter sua palavra mesmo contra a violência do destino. Esta auto-afirmação é fonte inesgotável de prazer e alegria; mas o prazer “**quer de todas as coisas a eternidade, quer profunda, profunda eternidade!**” - 86. Nesta eternidade imanente, o homem nobre é o criador de valores, ele

não tem necessidade de ser declarado bom, julga: “o que é pernicioso para mim é pernicioso em si”, sabe-se o único que empresta honra às coisas, é criador de valores. Tudo o que ele conhece em si, ele honra: uma tal moral é glorificação de si. No primeiro plano está o sentimento da plenitude, da potência que quer transbordar, a felicidade da alta tensão, a consciência de uma riqueza que gostaria de dar e prodigalizar: também o homem nobre ajuda o infeliz, mas não, ou quase não, por compaixão, mas mais por um ímpeto gerado pelo excedente de potência - 87.

4. A ESTÉTICA DA VITÓRIA

Um dos pilares de nossa cultura ocidental é o cristianismo. A afirmação parece, por objetiva historicamente, o suficientemente óbvia. Cultura que - devido, em parte, a esta base religiosa - Nietzsche considera decadente; o que não é tão óbvia. Reconhecemos, sem embargo, que o catolicismo em sua fase de “a cristandade”, submergiu o ocidente no obscurantismo, levando-o ao desprezo deste mundo, à obediência conformista, humilhante e despersonalizante. Nesta linha de reflexão reconhecemos em Nietzsche, um esforço por valorizar a terra, da qual iniludivelmente fazemos parte, é a luta por recuperar o sentido festivo da vida. O esforço fica comprometido pela defesa, no seio de uma sociedade liberal, também materialista, do ateísmo. Esta ótica não abre caminhos para a realização humana, trocando apenas a opressão do dinheiro, pela opressão da raça, a opressão de um estado elitista, com base em uma igualdade universal abstrata, por outro estado elitista, com base na violência e na capacidade organizativa das raças ditas nobres. A alegria, pela falta de transcendência, transforma-se em uma espécie de espetáculo de fogos artificiais de final de ano: após a luz deslumbrante e espetacular resta apenas a escuridão impenetrável. O cristianismo tinha encontrado para o sofrimento, pela transcendência da fé, um sentido redentor, o que permitia aos cristãos enfrentar as circunstâncias mais adversas com alegria. Nietzsche perspicazmente descobre também que o que revolta no sofrimento, não é sofrimento em si, mas a sua “**falta de sentido**” - 88, porém impossibilitado de procurar esse sentido, por tê-la negado, no mundo da metafísica, recorre, para imprimi-lhe uma direção, à consciência ingênua das eras antigas, que tinham nele descoberto sua força espetacular. Seguindo a coerência desta lógica, eles - os antigos - foram obrigados a inventar seres invisíveis, os deuses, para testemunharem e justificarem o sofrimento oculto, conseguindo com isto que a vida realizasse algo no qual sempre foi mestra: “**justificar a si mesma, justificar o seu mal**” - 89. A santificação da crueldade, do mal, se faz em relação ao espetáculo, à festa. Esta seria a lei da vida, a dialética de contrários em que o mais forte se deleita e recria a partir do mais fraco na esplêndida festa da vitória. Talvez alguma coisa possa ser entendida, a nível humano ao contemplar as festas das touradas, onde a vítima não é vítima e sim troféu que empapa a área escaldante com o sangue vermelho e inebriante do sentimen-

to de vitória. Segundo Nietzsche, este foi também o sentido da guerra de Tróia: um festival para os deuses. Aquele povo de atores não poderia “imaginar a felicidade sem espetáculos e festas” - 90 e no castigo “há muito de festivo” - 91.

O perigo para a manifestação festiva da vontade de potência vem do “último homem”, de nós, plebeus, instalados confortavelmente no estado burguês lockeano que devidamente “democratizado”, perdeu o sentido de tudo o que é belo e nobre. Na procura da felicidade esqueceu o sentido da existência. O último homem “não sabe que Dios ha muerto, pero en él mismo Dios ha muerto; el último hombre no puede saberlo precisamente porque - en virtud de la muerte de Dios - carece del sentido de Dios” - 92. O além-do-homem faz-se-á cargo da morte de Deus; a partir dessa morte da qual sabe-se responsável, ele se transforma no novo “sentido da terra”. Desde já, a peça de teatro desenvolve-se exclusivamente no palco. O próprio espetáculo dá sentido ao correr trágico das cenas. A vida é sempre um já “foi”, sobre a cena passada a vontade não mais tem domínio, ele simplesmente “foi”. A solução encontrada pelo homem comum orientou-se para a criação de uma outra vida, onde esta pudesse ser vingda, o que o impeliu a afirmar aquela e a negar esta adotando um comportamento ascético. Nietzsche, quer que o homem se afirme a si mesmo como vida e como força, daí seu empenho em que o “homem seja remido de vingança” - 94, através da transformação do que “foi” em “assim eu o quis” - 95. O espetáculo em seu ritmo de “eterno retorno” não precisa ser justificado, apenas aceito como a inocência de criança, “inocência é criança, é esquecimento, um começar de novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma” - 96. A beleza do espetáculo esconde o trágico do eterno começar, a vida torna-se um jogo em que a amargura da morte, do devir, é esquecida perante o ofuscamento do triunfo. As raças nobres, diz Nietzsche, tem mostrado em todos os tempos uma terrível jovialidade “nas volúpias da vitórias e da crueldade” - 97. Se olharmos as coisas através da lente da racionalidade poderá parecer que “mais nostálgico que uma guerra perdida, é uma guerra ganha”; desde um olhar sensual e instintivo, porém, facilmente podemos imaginar a beleza imponente da águia caindo sobre a sua vítima; no reino dos homens, fazemo-nos eco das palavras de Marinetti, em seu manifesto sobre a guerra da Etiópia. A guerra é bela, é bela porque,

(...) ela enriquece um prado com flores de orquídeas flamejantes, que são as metralhadoras. A guerra é bela porque ela congrega, a fim de fazer disso uma sinfonia, as fuzilarias, os canhoneios, o cessar de fogo, os perfumes e os adores da decomposição - 98.

A guerra e tudo o que se encaminha para uma atividade robusta e livre - diz Nietzsche - tem como finalidade a conservação da vitalidade das raças nobres. Desta maneira, a crueldade, sob forma de vitória, é um fim em si mesma. Walter Benjamin, comentando o conceito de arte pela arte, em uma referência à época de Homero, afirma que a “humanidade oferecia-se, em espetáculo, aos deuses do Olimpo: agora, ela fez de si mesma o seu próprio espetáculo” - 99. Estas palavras de Walter Benjamin estão direcionadas à crítica do fascismo. Ele tinha aparecido como um intento de superar as desgastadas democracias formais da Europa; nele, segundo Benjamin, a humanidade torna-se o seu próprio espetáculo, perdendo-se o pessoal no irracional. Nietzsche, também no desejo de superar uma sociedade liberal capitalista decadente, ataca sua base religiosa e metafísica, encerrando o homem em si mesmo, fazendo com que o pessoal se dilua na ânsia de triunfo da “vontade de poder”. Na estética da vitória a relação Cain-Abel está justificada, ninguém mais irá perguntar, onde está teu irmão? O triunfo, após o inocente esquecimento, pedirá outro triunfo. Este é o homem “inteiramente logrado, feliz, potente, triunfante” - 100, o super-homem. Como dizia, em Dom Quixote de la mancha, o burlador a Sancho, “tudo acaba em sombra, em fumaça, em sonho”, o sonho de uma vitória que já passou.

5. CONCLUSÃO

1. Valorizamos:

- o aspecto regenerador da vitória, o esforço por liberar o homem da interiorização da fraqueza e a luta por revitalizar uma cultura, dita decadente, devolvendo-lhe o sentimento de nobreza, força, verdade, autenticidade, responsabilidade e do valor da palavra, liberando-a de um certo plebleísmo chavasqueiro, mentiroso e falseador da realidade.

- a estima do que é instintivo e terreno, como manifestação de apreço por aquilo que é próprio de nosso ser e daquilo do qual fazemos parte através do corpo - sem que com isto queiramos acenar para alguma forma de dualismo -; parecem elementos que podem apontar para uma moral de grandeza e da alegria.

- o destaque dado ao elemento lúdico e festivo como a direção, em que superando as relações de interesse, manifesta melhor o sentido humano da vida.

- a procura da autenticidade através da liberação das máscaras que encobrem o eu.

2. Consideremos que:

- ao distinguir uma moral nobre de uma moral dos servos e fundamentar esta distinção no conceito de raça, inviabiliza a realização do homem, naquela dimensão que com Marx, poderíamos denominar de **ente-espécie**, submetendo os débeis aos fortes.

- ao negar a transcedência, apesar das distorções históricas a que foi submetida, se reduzem as possibilidades de desenvolvimento humano reduz as possibilidades de ser - cortando a raiz da verdadeira alegria e grandeza. De outro lado, algo não deixa de existir pelo fato de ele não ser enxergado, como diz em versos Antônio Machado: "El ojo que ves no es/ ojo porque tu le veas,/ es ojo por que te ve".

- ao colocar a vitória (o apolínio) como o telão encobridor da tragédia (o dionisíaco), fundamenta a vida consciente sobre uma mentira, a qual pretendia evitar, o que torna o sentido lúdico e festivo da vida uma ficção.

- sendo a vitória o meio privilegiado de se manifestar a "vontade de poder", submete o eu ao arbítrio, negando, por falta de princípios diretores da ação (máscaras) a identidade da pessoa: desta forma, como dizia Calderón em título de uma de suas obras, "La vida es sueño", e o acordar um eterno reiniciar.

- ao enfatizar a vontade de poder como força para além do bem e do mal, e sendo o super-homem a sua manifestação suprema; de um lado, o homem fica superado por algo impessoal: o super-homem; de outro, este sempre terá de superar-se a si mesmo, que ao mesmo tempo, algum dia, será superado por outro e assim indefinidamente. Deste modo, a vida é vitória da própria vida e o homem é guerra permanente, em que, como no quadro das "lanças" de Velázquez sobre a Rendição de Breda, sempre haverá alguém dizendo, "esta é a primeira que perco", e outro alguém, "está é a primeira que ganho".

6. BIBLIOGRAFIA

- 1) ABBAGNAMO, Nicola. **A sabedoria da filosofia**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1989.
- 2) ARANHA, Maria Lucia de e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo, Moderna, 1986.
- 3) MARZOÀ, Felipe Martínez. **História de la filosofía** (filosofia moderna y contemporánea). Tomo II. Madrid, ediciones ISTMO, 1973.
- 4) MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia** (os filósofos do ocidente). Vol. 3, 2. ed. Trad. Benôni Lemos, Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo, Paulinas, 1985.
- 5) MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. 3. ed. Trad. João Bénardo Costa. Lisboa, Moraes editores, 1970.
- 6) NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. 2. ed. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo, brasiliense, 1988.
- 7) -----. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. In: Os pensadores. Seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 8) -----. **Sobre o nascimento da tragédia**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 9) -----. **A arte em "o nascimento da tragédia"**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 10) -----. **Humano, demasiado humano**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 11) -----. **Aurora**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 12) -----. **A Gaia ciência**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 13) -----. **Assim falou Zaratustra**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 14) -----. **Para além de bem e mal**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 15) -----. **Sobre o niilismo e o eterno retorno**. In: os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 16) -----. **Crepúsculo dos ídolos** (ou como filosofar com o martelo. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

- 17) ORTEGA Y. GASSET. *Mirabeau o el político*. In: *obras completas*. Tomo III. Madrid. Alianza editorial, 1983.
- 18) SCHILLING, Kurt. *História das idéias sociais*. Trad. Fausto Guimarães. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- 19) VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *História dos filósofos (ilustrada pelos textos)*. 4. ed. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1980.
- 20) BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. In: *Os pensadores (vida e obra de Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas)*. Trad. José Lino Grünnewald ... (et al.). São Paulo, Abril Cultural, 1980.